

Nota do editor para o livro ESCRITA FUNCIONÁRIA de Justo Pastor Mellado

20 de dezembro de 2013

1 voto

Sem comentários

[Comente este artigo](#)
[trackback](#)



Nota do Editor para o livro
ESCRITA FUNCIONÁRIA
de Justo Pastor Mellado
Editorial Curatoria Forense.
Argentina. Dezembro de 2013
[[mais informações sobre o livro](#)]

1. Tudo começou como sempre. Desta vez, a conversa com Justo Pastor Mellado aconteceu antes e depois da entrevista que ele concedeu conosco para o programa de rádio Parque 41, que é transmitido pela Rádio Ritoque 102.5 FM. Estivemos em Valparaíso para apresentar o livro do *Encontro de Gestão Autônoma de Artes Visuais Contemporâneas (EGA)* na Gálvez Inc., um espaço de gestão autônomo coordenado por Juvenal Barría e José Pemjean.

Foi no dia 7 de agosto de 2013. Entrando no caminhão ele nos diz: "e quando você publica um livro para mim?" Até então, não tínhamos planos de editar outros autores. Havíamos criado um selo editorial para poder publicar o resultado da EGA, mobilizado pela necessidade e urgência de imprimir os depoimentos, experiências e argumentos dos gestores autônomos de arte contemporânea na Argentina dos últimos quinze anos. Ou seja: pela urgência de produzir -em duplo movimento- documentação e fonte primária e gerar um instrumento prático para pensar uma atividade que encontra a satisfação de seu desejo pela realização *do desejo de outra*.

2. A proposta foi quase um incentivo, um desafio direto às nossas capacidades de gestão que tínhamos de resolver. Estava se complicando e por isso decidimos dobrar a aposta abrindo uma Coleção que reúna, por meio de textos inéditos, o pensamento e a produção discursiva de teóricos, pesquisadores e curadores da arte contemporânea da e da América do Sul.

Pensamos na necessidade de promover a circulação do conhecimento entre os países porque, para além das fronteiras materiais e não menos óbvias das fronteiras simbólicas, são semelhantes os problemas e desafios enfrentados pelas práticas artísticas, textuais e de gestão da produção artística contemporânea; inclusive reconhecendo nas diferentes cenas as diferenças nos processos histórico-políticos, suas nuances, mudanças de escala e graus de desenvolvimento.

Podemos aprender com as experiências dos outros, podemos gerar parâmetros e critérios qualitativos a partir de seu reconhecimento e interpelação críticos; mesmo quando eles podem ser estranhos para nós como uma experiência direta.

É por isso que não se trata de aplicações mecânicas. Não se trata de receitas, definições ou regulamentos. Trata-se de contabilizar - na sua justa medida - o valor do trabalho dos nossos pares de forma que nos permita avaliar as nossas práticas e, se necessário, reorientá-las ou reafirmar-nos nas nossas decisões.

3. Embora o nosso interesse -como grupo de investigação- esteja no desenvolvimento e consolidação de cenários locais da arte contemporânea a partir do desenvolvimento e modelos de funcionamento de administrações autônomas, a decisão de editar a *redação oficial* dos últimos anos de Justo Pastor Mellado não é caprichosa e definitivamente não é marcada pela amizade que nos une. Acreditamos e mantemos o equilíbrio entre afetividade e eficácia das relações porque é a forma de nos exigirmos e não cairmos na complacência auto-indulgente.

Com Mellado temos diferenças e as discutimos. Mas não é por isso que deixamos de valorizar e respeitar o seu trabalho, porque - já o repetimos com insistência - para nós, trabalhar em arte contemporânea é a nossa forma de fazer política. Política efetiva já seca.

Dizemos isso porque há quem chame de preguiça de amizade, estagnação de seriedade, chantagem política e paródia de experimento. E este mascaramento de interesses não fere apenas quem neles confia ... torna-os cúmplices dos seus mecanismos de vitimização e perpetua a dominação exercida pelos sistemas que afirmam (querem) revolucionar.

Pensamos que devemos *olhar o lobo nos olhos* e sustentar a experiência crítica como forma de produção do conhecimento e das relações humanas, nas quais, por *discordarmos*, podemos nos reconhecer e nos tratar como sujeitos e, assim, evitar a objetificação e instrumentalização de alguns. outros.

4. É por isso que decidimos publicar este livro. Um conjunto de ensaios destinados ao funcionalismo governante no Chile. Documentos cujas raízes epistemológicas (e ideológicas, aliás) são atravessadas pelo pensamento *marxista*, mas cujos primeiros interlocutores estão na outra ponta do arco. É uma evidência convincente de que ter (e manter) uma posição não implica entregar sua alma ao inimigo. É uma evidência contundente de que é possível construir políticas de arte e cultura a partir da dissidência. É a manifestação de que fazer política é sentar e conversar com quem não concorda, com quem não está convencido, com quem se organiza por outros interesses, pretensões e predileções.

Daí uma de suas riquezas.

A outra razão é a explícita - às vezes brutal - dos fundamentos e argumentos que permitem delinear e desenvolver uma política de gestão em arte e cultura para uma instituição. A transparência de como é possível materializar - *em ser fazendo* - aquela famosa (mas raramente vista) relação dialética entre *teoria e práxis*.

É por isso que a *Escrita Oficial* é um livro de caso. Um caso com particularidades e complexidades que nos lembram veementemente que qualquer intervenção no plano do simbólico-material carrega consigo (sobre) determinações específicas que fazem uma e não a outra.

Mas a caixa pode servir de substrato reflexivo e procedimental para outras caixas da mesma espécie. O valor reside então no potencial da indução como método de conhecimento para ações no campo da arte e da cultura.

A Escrita Funcional também é um livro que expõe a possibilidade de sua própria dobradiça. Mellado pode ou não continuar em suas funções de Diretor do Parque Cultural de Valparaíso, mas o que será inevitável é que sua obra e a elaboração de um equipamento ficcional-conceitual estabelecem uma série de parâmetros de contraste explícitos ao constituir uma primeira memória teórica, prática e política.

É que se as instituições culturais em nossa região tendem a ser afetadas pela oclusão sistemática ou apagamento de suas políticas anteriores para evitar, por exemplo, possíveis avaliações *post hoc*, este livro funciona como um testemunho do que foi possível fazer com os recursos que eram possíveis.

E isso nos leva a lembrar o que dissemos junto com Roly Arias (da Galería Fedro / Salta, Argentina): "Um livro se responde com outro livro."

Por isso, esse exercício pode se tornar um costume saudável para as instituições culturais da América Latina: tornar transparente o sistema de decisão fundamentada e dar lugar à possibilidade de contra-argumentação. Para que haja política e não apenas representatividade.

5. Que se trata de um caso, esses escritos contingentes nos obrigaram a tomar uma decisão como editores que implicou em não alterar os manuscritos que Mellado enviou. Por esta razão, você notará sucessivas repetições de argumentos e exemplos que não devem ser lidos como redundâncias; mas como o que realmente são: momentos escriturísticos que carregam consigo o curso da evolução persistente do pensamento e a lógica ainda mais clara de sua construção arquitetônica.

É a coerência entre dizer e fazer que torna este conjunto de ensaios um material incontornável diante de uma tomada de posição e uma pragmática nas políticas de gestão em arte e cultura.

Jorge Sepúlveda T.
Curador Independente

Ilze Petroni, Ph.D.
Pesquisador de arte

Morelia, México. outubro 2013